

## A FORÇA DA TRANSGRESSÃO NA NARRATIVA FRANCIANA

Maria José Ladeira Garcia

A modernidade é o transitório, o fugitivo,  
o contingente<sup>1</sup>.

O homem tem possibilidade de esclarecer e esclarecer-se se for capaz de dominar o que o aterroriza. É para Bataille um ser descontínuo que isoladamente morre numa aventura ininteligível, mas tem “a nostalgia da continuidade perdida”<sup>2</sup>, pois suporta mal a situação de individualidade transitória que é. Ao mesmo tempo que experimenta o desejo angustiado de duração, é obcecado por uma continuidade originária que o liga ao ser.

Essa nostalgia introduz-lhe as três formas de erotismo: o dos corpos, o dos corações e o sagrado, mas o que está sempre em questão é substituir o isolamento do ser (sua descontinuidade) por um sentimento de continuidade profunda.

O erotismo dos corpos tem sempre algo de pesado e de sinistro, apesar de proteger a descontinuidade individual no sentido de um egoísmo cínico; é onde o elemento feminino surge como vítima e o masculino como sacrificador. O dos corações “é mais livre” (idem, *ibidem*, p. 20), e a paixão tem um sentido mais violento que o desejo dos corpos. O

---

<sup>1</sup> BAUDELAIRE, Charles (1993) p. 21.

<sup>2</sup> BATAILLE, Georges (1980) p. 16.

erotismo sagrado se confunde com o amor de Deus no Ocidente, enquanto o Oriente empreende sua pesquisa pela continuidade sem colocar em jogo a representação de Deus.

Para Bataille, a noção de continuidade oposta à de descontinuidade é importante para entender o erotismo cujo domínio é o da violência, da violação. A separação do ser da sua descontinuidade é o que há de mais violento, e sua forma *princeps* é a morte, que arranca o indivíduo da obstinação de durar enquanto ser descontínuo.

Bataille afirma ser o mundo do trabalho e da razão a base da vida do homem, mas o trabalho não o absorve inteiramente, porque subsiste nele um fundo de violência, acarretando a transgressão que é a violação das proibições sob as quais repousa a civilização.

As transgressões de ordem política ou religiosa causam prejuízos à coesão social, pois tendem a destruí-la ao causar-lhe fendas; constituem sacrilégios ao causar prejuízos às regras invioláveis.

Um dos aspectos mais evidentes do mundo da transgressão se refere à aliança com o animal. A confusão entre o animal e o humano é característica da humanidade mais remota, anterior ao cristianismo, porque hoje “o homem se atribui no mundo da moral um valor que os animais não tinham e que o elevou muito acima deles”<sup>3</sup>. O valor supremo reverte para o homem à proporção em que Deus fez o homem à sua imagem e, por conseqüência, a divindade escapou à animalidade.

---

<sup>3</sup> BATAILLE, Georges (1980) p. 121.

No momento em que se transgredir a proibição, cede-se ao impulso a que ela se opunha. É no momento da transgressão que se conhece a angústia sem a qual ela não existiria: “é a experiência do pecado”<sup>4</sup>.

O conceito de transgressão é ambivalente e está ligado à trama de proibição e permissividade em que a transgressão se envolve e une-se ao desvio, à ruptura como expectativas prévias de sua realização. Só há transgressão quando ocorre um deslocamento para territórios inesperados que tangenciam o proibido; na verdade, ela acontece pelo desejo explícito de modificar as normas, diante de leis que regulamentam os comportamentos da sociedade.

O homem da pós-modernidade sabe o que significa a transgressão devido a Sade ter-lhe preparado os caminhos, ao expor a doutrina da irregularidade, misturando a seus horrores o que ninguém deu atenção. Na verdade, Sade queria revoltar a consciência e também esclarecê-la, mas não se pode simultaneamente “revoltá-la e esclarecê-la” (idem, *ibidem*, p. 176 por serem situações contraditórias).

Sade, ao refletir sobre a impulsividade da violência, revela a antinomia da violência e da consciência, introduzindo, em seus estudos, a lentidão e o espírito de observação que são características da consciência.

Para Jean Baudrillard, a violência da pós-modernidade é o terror, citando, como exemplo, o que ocorreu no “estádio do Heysel em Bruxelas, em 1985”<sup>5</sup>. A violência é “mundializada pela televisão”(idem, *ibidem*, p. 83). Tal ato de barbarismo, que surge na tela, “é de natureza idêntica à das imagens” (idem, *ibidem*, p. 83), como as cenas de

---

<sup>4</sup> BATAILLE, Georges (1980) p. 35.

<sup>5</sup> BAUDRILLARD, Jean (1990) p. 83.

destruição das torres gêmeas em Nova Iorque no início do século XXI que, paradoxalmente, chocaram e atraíram o mundo, devido a esse “espetáculo” de barbarismo, porque “em toda parte há uma precessão da mídia sobre a violência terrorista”<sup>6</sup> que faz dela “uma forma especificamente moderna” (idem, ibidem, p. 84).

“A violência dos *hooligans* é uma forma exacerbada da indiferença” (idem, ibidem, p.84) que encontra eco por agir “sobre a cristalização da indiferença ” (idem, ibidem, p. 84). Mais do que um acontecimento, essa violência é uma forma implosiva, resultante do vazio político, do silêncio da história e da indiferença e do silêncio de todos “que implodem nesse acontecimento” (idem, ibidem, p. 84).

Esses episódios revelam uma lógica de sua aceleração no vácuo, por ser a barbarização fruto de uma cultura da deformação ética cujo fundamento básico pode ser a despersonalização que produz nas pessoas “ a falsa imagem de si para o outro quanto para si mesma, além de haver aniquilado o sentido da autoridade”<sup>7</sup> .

Já a violência, nos estádios de futebol, por exemplo, decorre de outra lógica – inversão dos papéis: “espectadores (os torcedores ingleses) tornaram-se atores”<sup>8</sup> . Ao substituírem “os protagonistas (os jogadores)”(idem, ibidem, p. 85) , sob o olhar da mídia, inventam seu próprio espetáculo que é bem mais fascinante do que o jogo. Aí se questiona se é essa a cultura de participação da pós-modernidade? Por que, num “show de rock”, 200 poltronas quebradas são o signo do sucesso?

---

<sup>6</sup> BAUDRILLARD, Jean (1990) p. 84 .

<sup>7</sup> LUCCHESI, Ivo (2003) p. 132.<sup>1</sup>

<sup>8</sup> BAUDRILLARD, Jean (1990) p. 85

Na verdade, existe uma maneira de fazer “uma política do pior, política de provocação para com os próprios cidadãos, um modo de desesperar categorias inteiras da população até levá-las a uma situação quase suicida”<sup>9</sup>, como aconteceu na política de certos Estados modernos.

A senhora Thatcher, por exemplo, liquidou “os mineiros com a estratégia do pior: acabaram-se desqualificando eles mesmos aos olhos da sociedade” (idem, ibidem, p.86). A mesma estratégia ocorreu com os *hooligans*: desempregados, demonstraram uma brutalidade quase idêntica à do exercício do poder e acabaram reprovados. O mesmo fenômeno ocorre com os terroristas.

A transgressão “levanta a proibição sem a suprimir”<sup>10</sup> e nisto está a força do erotismo que Bataille considera como um aspecto decisivo da vida interior do homem; é o que o define e o distingue dos animais.

O erotismo não se confunde com a mera atividade sexual, apesar de ser uma dimensão particular dela, uma afirmação da volúpia infinita ligada à agitação sexual. É tudo o que está ligado à sexualidade profunda como sangue, terror e crime que destroem indefinidamente a beatitude e a honestidade humana; por isso, a sua maldição.

No momento em que o homem confere um sentido à animalidade, entra no mundo da transgressão, formando a síntese entre a animalidade e o humano. Na verdade, o homem deseja o que põe em perigo a vida; logo, a transgressão o fascina, conforme se

---

<sup>9</sup> BAUDRILLARD, Jean (1990) p. 86

<sup>10</sup> BATAILLE, Georges (1980) p.33

pode constatar pela atitude de Paulo Roberto em *No fundo das águas*. Desde criança era fascinado pela transgressão.

Certa vez lhe contaram que as moças “tiravam os maiôs para bronzear-se inteiramente”<sup>11</sup> nas pedras “que se afastavam das margens formando um braço de rio” (*F.A.*, p. 117). Pelo fato de a água correr muito rápida, batendo contra as pedras, os pescadores deixavam por ali os seus anzóis à espera de peixes, mas Paulo Roberto, ao ver, um dia, três jovens afastarem-se, pulando de pedra em pedra, resolveu chegar até onde se encontravam pelo lado mais perigoso e “acabou escorregando, caiu na correnteza, enrolou-se nas linhas de espera e foi fisgado pelos anzóis. Ficou segurando na saliência de uma pedra, sangrando, chorando e gritando por socorro” (idem, *ibidem*, p. 117) até que alguns homens o retiraram do local.

Apesar da promessa de felicidade que acompanha a paixão, ela introduz perturbação e desordem, levando ao sofrimento porque é a busca do impossível, conforme exemplifica a atitude do casal Alceu e Mirtes em *No fundo das águas*. “Ele era sério, introspectivo e Mirtes, alegre, extrovertida, amiga de todos” (idem, *ibidem*, p. 57). Após quatro anos de casados, “começou a sentir-se inseguro” (idem, *ibidem*, p.57), pensando “que todos os homens a desejavam tanto quanto ele” (idem, *ibidem*, p. 57). A perturbação causada pela paixão faz com que o marido vá se isolando até que resolveram se separar.

Se a união dos dois amantes é conseqüência da paixão, ela invoca a morte, o desejo de morte ou de suicídio e, sob essa violência, surge o reino do egoísmo a dois, e um dia,

---

<sup>11</sup> FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo (1987) p. 117. Todas as citações desta obra serão feitas por esta edição, no próprio texto entre parêntesis, indicando abreviado *F.A.*, em itálico e seguido da página em algarismos arábicos.

Alceu se conscientiza de “ que era insuportável a idéia de perdê-la” (F.A., p.59). Transtornado em excesso, pegou o revólver, “virou-se para Mirtes e atirou na direção do seu rosto. Atirou uma, duas, três vezes” (idem, ibidem, p. 59). Fascinado pelo desejo de matar, Alceu percebeu que “ela foi empurrada pelo impacto das balas e caiu sobre os travesseiros” (idem, ibidem, p. 59). Sentiu pela esposa, “esvaindo-se em sangue” (idem, ibidem, p. 59) uma imensa ternura e, olhando “os seus olhos já sem vida, deitou-se sobre suas pernas ainda quentes, colocou o cano do revólver no ouvido e matou-se” (idem, ibidem, p. 59).

A morte acarreta, assim, uma desordem nessa família, por ser sinal de violência, de perfeita sem-razão, pois as filhas, Mirna (quatro anos) e Milena (onze anos) ficaram órfãs.

Por ser transgressiva a atividade sexual está rodeada de segredo, aparecendo como contrária à dignidade humana; por isso, a essência do erotismo reside na sua inextricável associação entre o prazer sexual e o interdito, como no episódio de Janice e Rodolfo de *No fundo das águas*:

O fato de Janice falar seu nome deu a Rodolfo novas esperanças [ ...] e ele tentou abraçá-la. Mas Janice não deixou, afastava-se, dizendo:

- Vai embora, vai.

Ele foi embora e no dia seguinte, [ ... ] ele amarrou o cavalo, passou por baixo da cerca e depois de conversarem algum tempo começou a beijá-la:

- Não faz isto – ela dizia. – Você desgraça minha vida.

Rodolfo fechou a porta da cozinha para que os meninos que brincavam no quintal não entrassem, levou-a para o quarto e deitaram-se. Quando terminaram ela ergueu-se rápida e foi empurrando-o para fora.

- Sai daqui, sai daqui – dizia.

E olhava para ele e falava:

- Você desgraça minha vida (F. A ., p. 17).

Percebe-se, assim, que a experiência erótica leva os amantes a ocultarem os seus encontros; mas a transgressão é sempre admitida, sob a condição de não ser conhecida por medo da punição.

O movimento de amor, levado ao extremo, produz o excesso que leva à morte. Assim, a associação entre a violência da morte e a sexual apresenta um duplo sentido: por um lado, há as convulsões da carne que são tanto mais precipitadas quanto mais perto se está do esgotamento e, por outro lado, há o esgotamento que favorece a volúpia. “A convulsão da carne exige o silêncio, exige a ausência do espírito”<sup>12</sup>.

França Júnior também inclui esse duplo sentido do erotismo em seu modo de narrar associativo e acaba por construir um painel de experiências humanas fundamentais, no qual a relação entre morte e erotismo se projeta fortemente. Assim, ocorre, por exemplo, quando o narrador, acompanhando o avanço do represamento das águas, revela o episódio da morte de Brigitte, que havia se afeiçoado a Adolfo com a ilusão de que ele a retiraria da prostituição, mas Adolfo mentiu-lhe dizendo-lhe que se casaria com a filha de um fazendeiro de quem era noivo há algum tempo. Brigitte pediu-lhe uma última noite para comemorar os seus vinte e três anos e a despedida.

Entraram para o quarto, beberam, conversaram e uma hora ela foi ao banheiro. Quando voltou, apagou a luz, abraçaram-se e começaram a fazer amor. Durante o amor, no escuro, ela não falava. Apenas mexia-se muito e, às vezes, gemia contraindo o corpo. Ao terminar ele estendeu a mão e acendeu a luz. Ela estava morrendo e de sua boca descia uma espuma branca. Havia bebido guaraná com formicida na hora em que foi ao banheiro e os movimentos eram convulsões, não eram movimentos de prazer. Ela estava morrendo enquanto faziam amor e isto o deixou muito traumatizado (*F. A.*, p. 41).

Constata-se, então, que vida e morte, dor e êxtase comunicam-se, portanto, na agonia de Brigitte, revelando, assim, o sujeito em sua ambivalência.

A atitude de Reginaldo é exemplo de transgressão em *À procura dos motivos*, pois,

---

<sup>12</sup> BATAILLE, Georges (1980) p. 94.



ao chegar aos cinquenta e seis anos, abandona a família sem “uma carta, um recado, uma explicação”<sup>13</sup> que justificasse o motivo “por que uma pessoa mudava a esse ponto” (*P. M.*, p. 27).

Sem a evidência de uma transgressão, Reginaldo não experimenta o sentimento de liberdade necessária à plenitude do ato sexual, pois, enquanto a primeira família esperava “o seu regresso , a sua volta, ele estava constituindo outra família. Envolvendo-se em outros laços” (idem, *ibidem*, p. 40), revelando, assim, que nada é completamente tabu, porque há sempre um motivo para transgredir, e o prazer advindo da transgressão revela uma intensa satisfação mesmo que momentânea..

O vício consiste em se dar a si próprio o sentimento da transgressão, como ocorre com Paulo Roberto, personagem de uma historieta em *No fundo das águas* . Carrega o vício do prazer em excesso desde os cinco anos ao levar Dione, garotinha de três anos, para debaixo da escada:

- Dione, conte para o papai aonde o Paulinho leva você.
- Debaixo da escada – ela respondeu.
- Depois que vocês estão debaixo da escada o que ele faz?
- Tira minha calcinha.
- E o que mais, filhinha.
- Pega na minha bundinha.
- Ele está querendo fazer outras coisas?
- Enfiar o pintinho dele na minha pintinha.
- Só o pintinho?
- Não, o dedinho também (*F. A .*, p. 115).

Esses impulsos sexuais em excesso vão lhe proporcionando prazer. Aos nove anos, organizava festinhas e pedia a um amigo que desligasse a luz. No escuro, ia “enfiando a

<sup>13</sup>FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo (1982) p. 27. Todas as citações desta obra serão feitas por esta edição, no próprio texto entre parêntesis, indicando abreviado *P.M.*, em itálico e seguido da página em algarismos arábicos.

mão e pegando nas meninas por baixo das saias” (*F.A.*, p. 116).

Apesar de tirar satisfação da desordem que provoca, recebeu “duas cicatrizes na perna esquerda” (*idem, ibidem*, p. 117), em consequência das marcas de anzóis, porque, aos dez anos, acreditava na história de que algumas moças tomavam banho de sol nuas nas pedras. Atraído pela nudez das jovens, ao se aproximar das pedras, escorregou na correnteza e foi fisgado pelos anzóis.

Essa sua mania de andar atrás de mulheres fez com que furasse a janela do banheiro “para espiar as primas” (*idem, ibidem*, p. 117). Forçava, também, a entrada no quarto das empregadas enquanto dormiam e beijava, às escondidas, as irmãs de moças que namorava.

Com essas passagens referidas, França Júnior parece querer lembrar que o homem é, portanto, admitido ao conhecimento de um prazer “no qual a noção de prazer se confunde com a de mistério expressivo da proibição”<sup>14</sup> que determina, ao mesmo tempo, o prazer e a condenação; logo, a transgressão se torna impossível se o interdito deixa de se fazer sentir.

Com o autor, percebe-se que a literatura se oferece como terreno propício para a manifestação do ato libertário e transgressor com o qual, por exemplo, se relêem as dores do mundo, e a dor recuperada pela arte faz surgir “um projeto ético com o qual o corpo societário se deveria reconciliar”<sup>15</sup>, porque edifica o caráter humano e detona o impulso da criação, ao abrir-se à experiência da recriação do ser.

---

<sup>14</sup> BATAILLE, Georges (1980) p. 96

<sup>15</sup> LUCCHESI, Ivo (2003) p. 102.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

\_\_\_\_\_. *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BARTHES, Roland. La mort de l' auteur. In: - -. *Le bruissement de la langue*. Paris: Seuil, 1984. p. 63-9.

BATAILLE, Georges. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *La littérature et le mal*. Paris: Gallimard, 1975.

\_\_\_\_\_. *O erotismo*. 2. ed. Lisboa: Moraes, 1980.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Trad. e prefácio Teresa Cruz. Lisboa: Veja, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. O narrador : considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: --- *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197 – 221.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Trad. Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1988.

FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *À procura dos motivos*. Rio de Janeiro: Codreci, 1982.

\_\_\_\_\_. *Aqui e em outros lugares*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *No fundo das águas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *Breve, o pós-humano*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003.

SILVA, Edson Rosa da. SILVA, Edson Rosa da. Da impossibilidade de contar e de cantar: um olhar benjaminiano sobre a literatura. In: SEMEAR. Rio de Janeiro, N. 10, 2004. p. 93 – 106.

\_\_\_\_\_. Escrita / Scriptura: a poética de um sentido por vir. In : *A FORÇA DA LETRA: estilo escrita representação.* / Lúcia Castello Branco, Ruth Silviano Brandão organizadoras. Belo Horizonte: UFMG, Pós-Lit. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, FALE/UFMG, 2000. p. 114-21.

\_\_\_\_\_. *O jogo sagrado da violência: uma leitura de 'Les conquérants' e de 'La voie royale' de André Malraux.* Tese de Doutorado em Língua e Literatura Francesa, 2º semestre de 1984. Departamento de Letras Neolatinas, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodwad. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVERMAN, Malcolm. *Moderna ficção brasileira.* Trad. João Guilherme Linke. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

VIANNA, Maria Lúcia Saponara. À procura dos ou a busca das explicações. *Suplemento literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, a . XV, n. 855, 19 fev. 1983, p. 4.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CANTINHO, Maria João. Modernidade e alegoria em Walter Benjamin. [File://G:\EDSON\PosGrad\Curso sobre a morte. n.24 Espéculo \(VCM\)](file:///G:/EDSON/PosGrad/Curso sobre a morte. n.24 Espéculo (VCM), acesso em 03 maio, 2006. 15:00h), acesso em 03 maio, 2006. 15:00h.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Interpretações do eu: uma análise comparativa de *A céu aberto* de João Noll e *A cidade ausente* de Ricardo Piglia. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. v. II. n. V. abr/jan. 2003. Disponível em [http://www.unigranrio.br/unidades\\_acad/ihm/graduação/letras/revista/número5/textoshi](http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduação/letras/revista/número5/textoshi), acesso em 28 abr, 2007. 14:30 h.

DUNLEY, Gláucia Peixoto. *A festa tecnológica da contemporaneidade*. <http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosferea01/organização/txtsoc2.htm>, acesso em 28 dez, 2006. 17:00h.

PARKER, John. *Les romans d'Oswaldo França Júnior en rétrospective*. <http://www.brasil.org/Littérature en français>, acesso em 18 dez, 2005. 15:34h.